

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

WEBDOC: AUTORIA, INFORMAÇÃO E INTERATIVIDADE

Heidy Vargas, mestre em Multimeios (UNICAMP), ESPM-SP

Propomos apresentar as diferentes definições sobre o que é web documentário e as mudanças nas narrativas lineares e não-lineares. Acreditamos que a novidade narrativa audiovisual não exclui a gramática documental contemporânea. O que se delinea é uma tensão no campo documental diante das infinitas possibilidades dadas pela tecnologia.

Palavras-chave: web, documentário, jornalismo audiovisual, internet.

Introdução

Desde os primeiros registros, o avanço da tecnologia sempre ditou as mudanças na captação do real. No campo documental são inúmeras as alterações. A introdução das câmeras leves em 1960, que permitiram o deslocamento e a aproximação da câmera e a captação do som direto, transformaram o documentário e trouxeram à tona a ética na captação e o conceito da intervenção ou não do cineasta na cena. Os olhares estavam voltados para a introdução do som direto e possibilidade de acompanhar o cotidiano de qualquer pessoa com o diretor recuando a sua câmera, no caso do cinema direto, ou participando da cena e provocando o colaborador, no caso do cinema verdade. Essas formas de captar o real foram disseminadas entre americanos, canadenses e franceses. Aqui no Brasil, na década de 1970, o documentário deu voz ao brasileiro comum na tela do cinema e na televisão com os *talking heads*, documentários de falação, em que o depoimento assume destaque na narrativa documental.

De lá para cá a categorização de Bill Nichols (2005) revelou um mapa de possibilidades de captação do real (poético, expositivo, observacional, participativo,

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

reflexivo e performático). Segundo o autor, esses modos acompanharam a mudanças tecnológicas foram ao longo do tempo hibridizando. Agora, testemunhamos um momento de virada tecnológica que altera o consumo destes documentários e consequentemente a visualização dos mesmos. Estamos diante de uma mídia capaz de unir todos os formatos e estilos de documentação do real modificando a organização deste conteúdo, ampliando sensorialmente o tema e instigando a participação do usuário. Estes são os documentários feitos para a web, ou seja, os webdocs. O passo fundamental para entender webdoc está no conceito da interatividade.

Tensões no campo documental

O webdoc ou documentário interativo nos chega diante de uma tensão de definições. Nesses estudos faz-se necessário apontar o caminho do documentário tradicional, chamado linear. Este abarca uma série de definições que colocam nos trilhos o potencial narrativo do gênero. Para John Grierson, a definição clássica do documentário aponta como “tratamento criativo da realidade”. Bill Nichols (2005), interpreta como a narrativa que “representa uma realidade” e Fernão Ramos (2008) uma “asserção do mundo histórico”. Podendo chegar a definição de Bruzzi (apud Grifeu, 2011) que o documentário é de um lado “uma negociação entre a realidade” e de outro a imagem e a autoria. Desta forma, o documentário é um importante instrumento para explicar a realidade e que é mediado pelo autor/diretor fornecendo experiências únicas.

Os estudos de webdoc ou documentário interativo vão ampliar essas definições e provocar mudanças na construção narrativa. Assim, o documentário é definido como interativo e essa palavra delimita a fronteira não linear e linear. Sandra Gaudenzi (2009) destaca de forma abrangente que documentário interativo deve-se considerar três eixos na narração: o autor, o usuário e a tecnologia. Arneu Gifreu (2011) relata que os objetivos do documentário linear podem ser semelhantes aos documentários interativos, mas no último devemos adicionar a opção de escolha e controle.

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Quando este poder é dado para o usuário, como no caso de mídias interativas, o papel do autor como narrador (ponto de vista) é posto em questão ou até pode ser eliminado na análise de Gifreu. Em documentários tradicionais, o autor influencia através da realização e do discurso estruturado (edição e montagem).

O mesmo autor cita o trabalho de Gaudenzi com relação ao papel ativo do espectador como um divisor de águas. A autora desqualifica a proximidade do documentário linear e do não linear alegando que esta última já oferece suas formas de contar a realidade e entreter o espectador.

"Se documentário linear exige uma participação cognitiva de seus telespectadores (muitas vezes visto como interpretação) o documentário interativo adiciona alguma participação física (decisões que se traduzem em um ato físico, como clicar, mover, falar, teclar etc...). Se documentário linear é feito de vídeo, de filme, o documentário interativo pode usar qualquer mídia meio existente. E se o documentário linear é dependente das decisões do seu realizador (tanto durante as filmagens e edição), documentário interativo não tem necessariamente uma demarcação clara entre aqueles dois papéis [...]" (Gaudenzi *apud* Gifreu, 2011).

Se o documentário linear tem uma sistematização dos modos de representação elaborados para caracterizar as vozes do discurso imagético (Nichols, 2005), o mundo do documentário interativo tenta sistematizar a lógica interativa. Neste caso, a participação do usuário é considerada elemento principal no que tange o universo da internet. Aston e Gaudenzi (2012) elaboraram quatro diferentes eixos que levam em conta a tecnologia como: conversacional, o hipertextual, o participativo e o experiencial. A primeira destaca o mundo 3D. O segundo coloca o usuário na posição de explorador navegando e clicando. O terceiro modo há um contato do usuário e do autor e o quarto e último quando o usuário produz conteúdo (2012, p. 127)

Kate Nasch também leva em conta o usuário diante da perspectiva de sistematização. Os modos eleitos pela autora são: narrativo, categórico e colaborativo. O primeiro são webdocs que se valem da narratividade do documentário linear e abrigam os mais diferentes materiais. Já o modo categórico reúne micronarrativas em

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

torno de um único tópico e podem ser acessadas de diversas maneiras. O último modo é o de interação que consiste na colaboração do usuário ativamente no webdoc.

Sendo assim, podemos definir web documentário como um produto interativo e multimidiático construído com textos, infográficos, mapas, vídeos, fotos, áudios, gps. Sua narrativa é fragmentada e pode ser ou não colaborativa. As categorizações acima mencionadas levam em conta o usuário e quais os mecanismos necessários para envolvê-lo. A preocupação que tencionamos é a perda da força narrativa de um documentário linear e a autoria diante da necessidade de se “atender” ao usuário. Essa questão ainda não foi respondida e nem pretendemos respondê-la neste artigo, mas o embate da tradição documentária versus produto interativo suscita questionamentos. Até que ponto precisamos reposicionar o autor e os espectador? A autoria deve ser pensada na construção do projeto? O processo criativo deve envolver o usuário? E o usuário deve contribuir com participações? Sendo assim, onde está a autoria?

Referências

ASTON, Judith e GAUDENZI, Sandra (2012), *Interactive documentary: setting the field*. Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1386/sdf.6.2.125_1.

GAUDENZI, Sandra. (2009) *Interactive Documentary, towards an esthetic of the multiple*. Londres: University of London, Centre for Cultural Studies (CCS) of Goldsmiths. Disponível em: <http://interactivedocumentary.net/about/me>. Acesso em: outubro 2016.

GIGREU, Arnau. *The Interactive multimedea documentar as a discourse on interative non-fiction: for a proposal of the definition and categorisation of de emerging genre*: in Hipertext.net, nº 9, Barcelona. 2011. Disponível: <https://www.upf.edu/hipertextnet/en/numero-9/interactive-multimedia.html> Acesso em: outubro de 2016.

NASH, Kate. *Modes of interactivity: analysing the webdoc*. In Media, Culture & Societ, v. 34, n. 2. Sage Journals, pp. 195 – 210. 2012. Disponível em: <http://mcs.sagepub.com/content/34/2/195.full.pdf>. Acesso em: outubro de 2016.

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papyrus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal, o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac/SP, 2008, p. 22.